

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O globo Class.: B11- Prod. Cultural
 Data: 19/08/88 Pg.: 634



Formigas nas filmagens

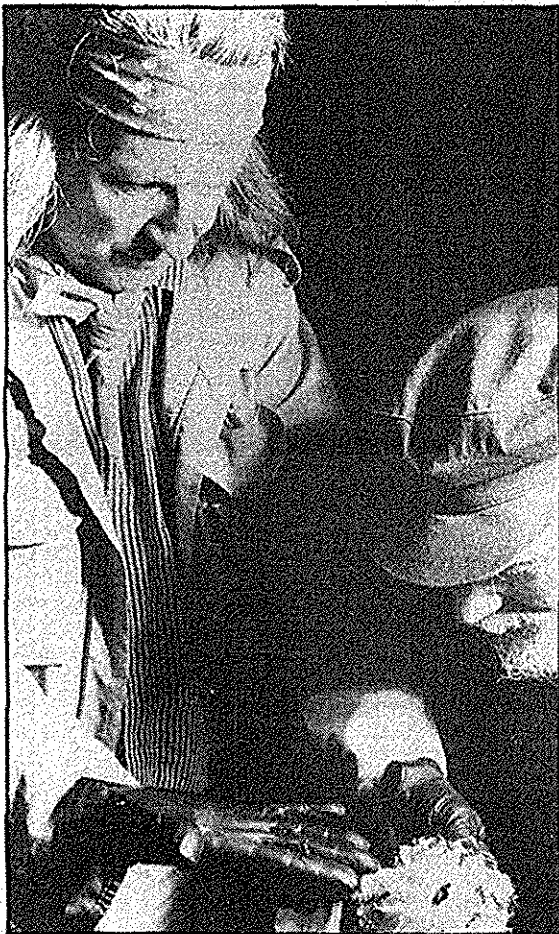
■ 'KUARUP' NO XINGU - 3 ■

MIGUEL DE ALMEIDA

Esses índios-pilotos são muito velozes. Subiram o Rio Tuatuari como doidos, verdadeiros tarados, naquelas lanchas. Não se enxerga meio palmo em frente do nariz. As curvas do Tuatuari jamais serão as mesmas, depois daquelas balas flutuantes, balas noturnas. O set de filmagem fica a 20 longos minutos do acampamento. São 21h e Ruy Guerra está lá desde o final da tarde, ensaiando com Fernanda Torres, Taumaturgo Ferreira e Umberto Magnani. São incansáveis, repetem as marcações dezenas de vezes e não se importam com aquele exército de insetos indomáveis rondando suas cabeças.

Naquela noite, ficaram um tanto assustados. Um inseto — quatro centímetros de comprimento — entrou no ouvido de Reinaldo, assistente de figurino. Não havia álcool que retirasse o incômodo bichão. No dia seguinte, teve de ir a Canarana, já com a face bem abatida. Voltou trazendo o algoz dentro de um vidro com éter. Não é a primeira vez que esse sujeito tropical interfere no cotidiano da equipe. Um deles entrou no ouvido de Roberto Bonfim, mas logo foi dizimado com a rápida ação do ator, que o capturou com uma espátula de cachimbo. Fernanda Torres foi também incomodada por outro mosquito impávido. A solução: fazer uso de chapéus ou de blusas na cabeça. Não fica muito bonito, mas é prático. Não se pode ter muita fleugma e luxo no Xingu, é.

O set é uma bonita savana, com alguns montes feitos pelos cupins. Parecem, pela altura, centenários. O patrimônio histórico precisa ver isso. Edgar Moura, diretor de fotografia, espalhou holofotes pelo cenário. Um homem solta fumaça em torno da locação, para a câmera conseguir um melhor registro. A coisa é muito bonita. Tiveram de levar até, lá



Ruy Guerra mostra as saúvas a Júlio Pomar

um gerador, dez quilômetros pela beira do rio, pesando mais de uma tonelada. Tarefa árdua, essa. Em um canto, as saúvas gigantes que irão "devorar" Fontoura (Umberto Magnani). Não foi fácil para Carlos, dos efeitos especiais, tirar os ferrões de milhares de saúvas. Duro também foi capturá-las. Noite retrasada, em plena selva, procurando formigas, um auxiliar dele pisou em uma onça que traçava um porco-selvagem. A onça saiu por um lado e o pobre homem assustado, por outro. Foi hilário.

Os animais selvagens já fazem parte do cotidiano da equipe. Ruy Guerra, descendo em direção ao deck, outra manhã, deu com um cartaz: "Cuidado com os jacarés". Pensou: "Esse pessoal tá ficando doido". Charuto em punho, quase deu um grito quando viu dois jacarés jovens — um metro de comprimento — presos num improvisado cercado. Tinham sido capturados por membros da técnica. Um deles era bonzinho, meigo; o outro, um pavor de arisco. Então, foi solto. Durante vários dias, o zangão ficou atrás das lanchas, carente. Taumaturgo Ferreira e André Ceca-

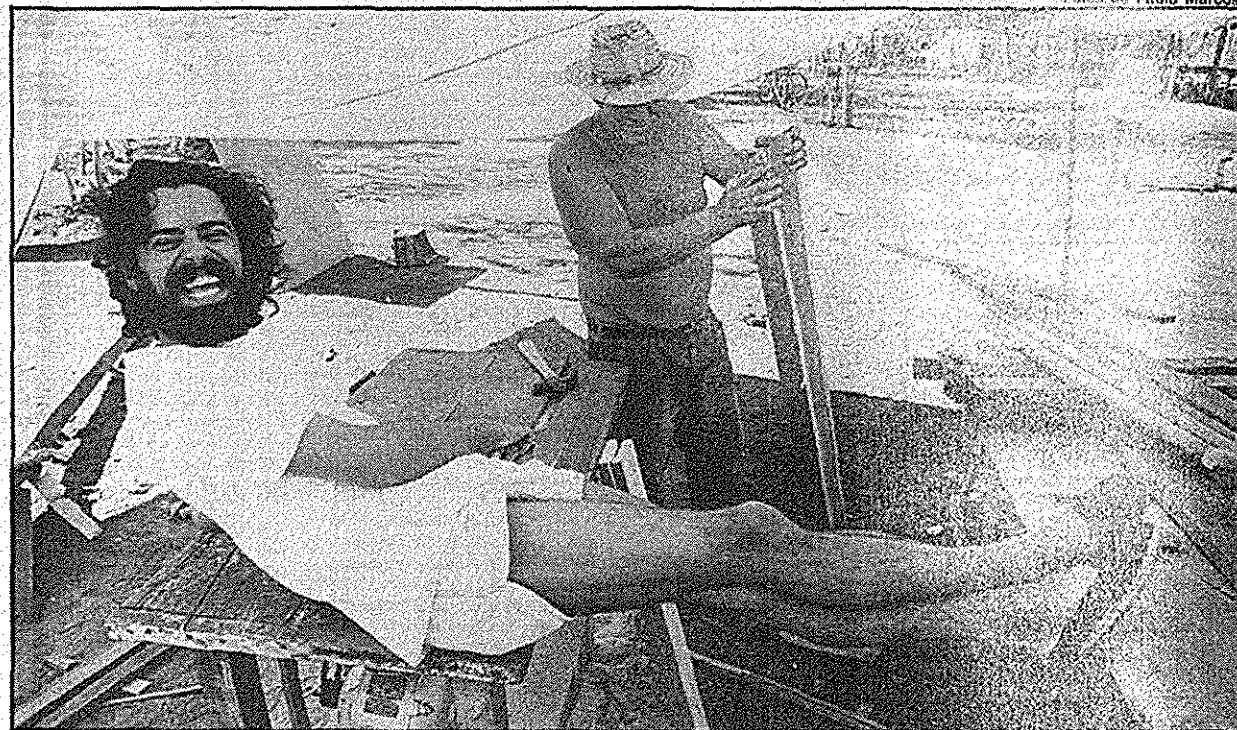
to toparam com uma musculosa sucuri, logo de manhã. O cacique Arítana consolou ambos dizendo que isso é muito comum, hum.

A cena noturna mostra a chegada da expedição ao Centro Geográfico Brasileiro. O episódio é baseado em aventura empreendida por sertanistas brasileiros, no final da década de 50. Um dos personagens, Vila-Verde, é calçado em Orlando Villas-Boas. Assim que decretam o Centro, se deparam com um problema: não tinham levado nenhuma bandeira brasileira. Para marcar presença, penduram o vestido de uma branca esperta que fugiu com um índio, certo. Logo descobrem que o lugar está infestado de formigas, talvez seja o maior formigueiro do Mundo.

A situação é repetida várias vezes, até Ruy Guerra concluir que tudo está perfeito. Milhares de moscas, mosquitos e outros insetos rondam nossas cabeças, em vôos pirotécnicos. Muitos dos insetos desavisados morreram assados nos holofotes. Ninguém chorou por eles. Fernandinha Torres, como Francisca, presença a acachapante morte de Fontoura no formigueiro. Sai correndo em passos da Zona Sul e chama Nando (aquele Taumaturgo Ferreira). Guerra pára tudo e argumenta: "Você veio muito para a esquerda, Fernanda". A coisa é feita de novo, sapos roncadores coaxam, uma onça rosna na floresta, tucumarés estão adormecidos, saudades nos perseguem, Júlio Pomar sente falta de um fado, são 3 h da madrugada e temos de enfrentar o rally do Xingu, de novo, Deus.

O índio-piloto é um tipo sorridente, aparência de sádico. Todos os passageiros — Roberto Bonfim, Ewerton de Castro, Cláudio Mamberti, Rachel Arruda, Júlio, Teresa Pomar, Paulo Marcos e eu — estão de blusa. O danado do indígena está sem camisa, aquecendo a lancha. Eu no Xingu, a turma no Aeroanta, me sinto feliz com a distância.

Descer o rio Tuatuari, de madrugada. O índio-piloto avança violentamente pelas águas transformadas em espelho pelas estrelas: não há Lua. A lancha balança nas retas, nas curvas, parada. Águas quentes. O roncar do motor atira animais, ecoa o som dos sapos e Júlio Pomar pergunta dos pássaros-sinos. Os índios enxergam como farejadores porque ficam trancados anos em malocas, só saindo de noite. É o que me convence e acalma a alma. Mas esses tarados já destruíram dezenas de hélices e Cláudio Mamberti — 120 quilos — divide comigo o banco. Não há razão para otimismo.



No acampamento, o barbudo Taumaturgo Ferreira descansa enquanto o serralheiro Rocha trabalha

3h40m. Kuarup. Há aquele índio ouvindo o Sony, que agora toca jazz. Rachel Arruda, a prefeita do acampamento, manda ligar o gerador, a luz é acesa, Graça esquenta o leite, sapos coaxam ao lado do refeitório, todos estão famélicos. Inclusive Roberto Bonfim e Cláudio Mamberti. Ruy Guerra, acompanhado de seu charuto, chega contando da aventura de filmar no Xingu. Não percebe que aventureiros somos nós por estar lá olhando ele fazer seu sonho. Parece excitado, fala bastante, terá 57 anos no final de agosto.

Meu moçambicano preferido tem humor e histórias. Conta de sua vida

em Paris, final dos 50, dos ambientes e personagens. Contratado pela chata TV francesa (estatal), tinha de fazer uma série em torno das formas de escravidão. Descobriu que entre as pulgas o sistema é muito utilizado e foi procurar um especialista no assunto. Era um escritório com cara de consultório, asséptico. O homem tinha cara de advogado, gente normal. Durante 40 minutos, Guerra ouviu o sujeito reclamar da mulher, que o abandonara. De repente, ele levanta a camisa e mostra uma colônia de pulgas no peito. Ruy pensa: "A mulher o abandonou porque ele é louco". O "cientista francês": "Ela foi

embora e levou outras colônias de pulgas". Claro, o personagem estará em algum filme de Ruy Guerra.

Roberto Bonfim numa ridícula bermuda. Toalha na mão, sabonete em outra. Vai nadar no rio Tuatuari. Por sorte, as piranhas não chegam até aqui, ficando ali pelo rio Xingu. Quando ele volta, está (certo) famélico. Júlio Pomar reclama de uma enxaqueca, Ruy Guerra pede água e todos se surpreendem ao ver Taumaturgo Ferreira subindo em uma árvore. Ator é ator, Tatá é Tatá.

■ CONTINUA AMANHÃ